

DISCURSO E LGBTFOBIA NO FUTEBOL: UM ESTUDO DISCURSIVO DO BLOG BAMBI TRICOLOR

Matheus da Silva MEDEIROS

Orientadora: Profa. Dra. Mónica Graciela Zoppi Fontana

RESUMO: O *blog* Bambi Tricolor encontra-se hospedado na plataforma Tumblr desde 2013, quando foi criado por torcedores e torcedoras são-paulinos com o objetivo de desconstruir e desnaturalizar práticas LGBTfóbicas, misóginas e racistas perpetuadas no futebol. Com base na teoria da Análise do Discurso materialista, este artigo busca analisar discursivamente duas postagens publicadas pelo movimento, bem como o cabeçalho e a seção “sobre”, compreendendo o *blog* como um movimento de resistência que faz emergir novos regimes de enunciabilidade e subjetividades, que rompem com discursos dominantes e com uma forma hegemônica de masculinidade privilegiada pelo meio futebolístico. O *blog* constitui uma mobilização de torcedores que lutam por legitimidade e contra a invisibilização no esporte, configurando um espaço em que as disputas de sentido inerentes ao discurso acontecem.

Palavras-chave: Análise do Discurso; homofobia; masculinidades; movimento de resistência..

INTRODUÇÃO

Este trabalho apresenta os resultados iniciais da minha pesquisa de Iniciação Científica intitulada “Estádios excludentes, torcedores invisíveis: um estudo discursivo de comunidades de torcidas LGBTs no *Facebook*”, financiada pelo CNPq. Com base na teoria da Análise do Discurso materialista, a pesquisa objetiva a análise discursiva de páginas LGBTs nas redes sociais, com foco nas torcidas de futebol, que se mobilizam para discutir, questionar e combater o racismo, o fascismo, o machismo e a LGBTfobia no esporte. Essas comunidades surgem como movimentos de resistência que fazem emergir novos regimes de enunciabilidade, buscando legitimidade e se contrapondo a formas de violência naturalizadas. No espaço digital, comunidades como a *Palmeiras Livre*, a *Queerlorado*, a *Bambi Tricolor*, a *Galo Queer* e a *Gayvotas da Fiel* cumprem um papel necessário de resistência contra as forças dominantes e reacionárias que buscam colocar para fora dos estádios sujeitos historicamente excluídos e silenciados.

Das comunidades supracitadas, a *Bambi Tricolor* é a única que não se encontra mais no *Facebook*, tendo sido excluída seja por denúncias de usuários, seja por opção dos administradores da página. A *instabilidade do arquivo*, como observa Dias (2015), é uma das características do arquivo digital, uma vez que ao se lidar com *sites*, *blogs*, vídeos, etc., é comum que sofram atualizações ou fiquem indisponíveis, o que é característico

do modo de circulação desse tipo de arquivo. A comunidade *Bambi Tricolor*, porém, mantém um blog hospedado na plataforma *Tumblr*¹, onde as postagens do movimento estão preservadas, mas o número de interações (comentários, *reblogamentos* e *likes*²) é reduzido. Por esta razão, a análise se detém nas publicações e nas características do *blog*.

No que se refere ao digital, Dias (2016a, p. 10-11) tem apontado para um fenômeno recente que denominou digitalização do mundo, ou seja,

práticas de linguagem que tendem à metaforização das relações sociais e das práticas dos sujeitos que, por meio do acesso deslocam o campo da “luta” para uma inscrição na forma digital. Em outros termos, a digitalização do mundo é um processo de historicização dos sentidos que desloca o modo de significação, produzindo uma forma material outra, porque inscreve o dizer, o fazer, as práticas dos sujeitos, em outras condições de produção, afetada por outras instituições, como as corporações do tipo Google ou Microsoft, garantindo o funcionamento da máquina ideológica por meio das relações de poder e de produção-reprodução do trabalho.

Para a pesquisadora, a inscrição de práticas de linguagem no campo digital configura uma mudança na discursividade do mundo, nas relações sociais e ideológicas, que ressignifica o funcionamento das instituições e faz surgir derivas para outros lugares de significação, pela produção de outra forma material, em outras condições de produção. As comunidades de torcidas LGBTs de futebol se inscrevem no ambiente digital e, por meio de discursos de cibern militância, produzem nele uma ocupação política, como em Bocchi (2017). Ainda que inseridas em relações de poder e dominação que constituem o funcionamento da sociedade, perturbam o historicamente determinado ao defender a inserção e inclusão de sujeitos LGBTs nos estádios e nos times de futebol, como torcedores ou jogadores. Ressaltamos com isso que os esportes, como prática cultural, não constituem um espaço neutro em que não há espaço para a ideologia e para o político, ao contrário do que sustentam discursos que circulam na mídia³. Nas palavras de Elias e Dunning (1992, p. 60 apud REIS, 2006, p. 5), o esporte “não pode ser encarado, à maneira de alguns especialistas, como se fosse uma instituição social do nosso tempo que se constitui em completa autonomia e independentemente de outros aspectos do desenvolvimento da sociedade”.

Selecionamos para análise, neste artigo, duas postagens realizadas pelo blog, além do cabeçalho e do sobre, seções em que a *Bambi Tricolor* se apresenta para os

¹ Até a data de publicação deste artigo, o blog não era atualizado desde setembro de 2015.

² As publicações referem-se às postagens da rede. A opção *Reblog*, no *Tumblr*, é similar à opção de compartilhamento do Facebook, por meio da qual os usuários podem republicar postagens de outras páginas em sua própria página. A opção *Like* é uma forma de interação com a publicação em que não há compartilhamento, mas o usuário demonstra que gostou do conteúdo.

³ Evento esportivo não é lugar de manifestação política. Por Tiago Leifert. 26/02/2018. <<https://gq.globo.com/Colunas/Tiago-Leifert/noticia/2018/02/evento-esportivo-nao-e-lugar-de-manifestacao-politica.html>> Acesso em 5 jul 2018

usuários da plataforma. O *corpus* está inscrito em uma materialidade digital, que é, para Dias (2016b), “o processo de significação que se dá pela emergência da discursividade digital na forma material do discurso (texto, imagem, cena urbana, etc.), e em certo *meio material* (aplicativo, outdoor, rede social, cidade etc.)”. A constituição do *corpus* das publicações se deu por meio da seleção de discursos que se mostrassem representativos de distintas concepções ideológicas em conflito no futebol, de modo a investigar de que maneira acontece a construção dos sentidos no discurso das comunidades de torcidas LGBTs e também nos discursos contra essas comunidades, que buscam deslegitimar o levante das torcidas. Como em Zoppi-Fontana (2005), compreendo o *corpus* a partir de uma concepção dinâmica, na qual está em constante construção a partir do momento em que se inicia a análise, de maneira que seja possível incorporar novos elementos que sirvam aos objetivos do estudo, entre processos de descrição e interpretação.

1. UM ESTUDO DISCURSIVO DO BLOG BAMBI TRICOLOR

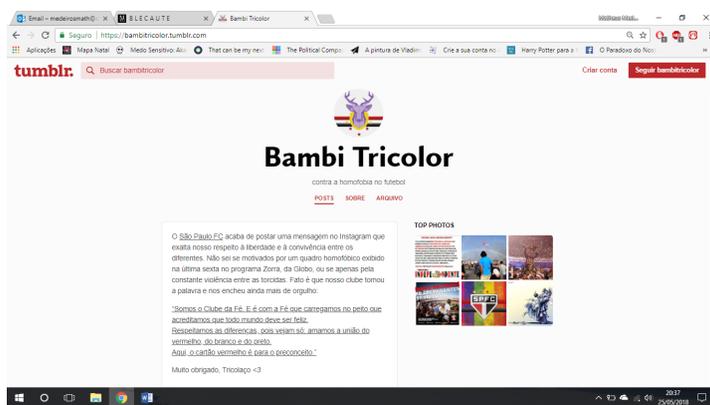


Figura 1. Cabeçalho do blog Bambi Tricolor.⁴

O blog *Bambi Tricolor* está hospedado na plataforma de *blogging* Tumblr, onde esteve ativo de abril de 2013 até meados de setembro de 2015. Nem a primeira postagem do blog nem nenhuma outra é assinada com nome próprio, de maneira que a autoria não é atribuída a um único indivíduo, mas a um movimento, e este movimento fala de um determinado lugar em que se inscreve no processo discursivo. Ao teorizar sobre a noção de formações imaginárias, Pêcheux (1990) retoma os lugares A e B da teoria da comunicação de Jakobson⁵, porém rompendo com ela no que se refere à homogeneidade

⁴ Disponível em: <bambitricolor.tumblr.com> acesso em 26 mai 2018.

⁵ Na teoria da comunicação proposta por Jakobson, um *remetente* (A) envia a *mensagem* ao *destinatário* (B), em um processo linear e por meio de um *contexto* apreensível pelo destinatário e suscetível de verbalização.

e linearidade com que o teórico russo teoriza a comunicação, não levando em conta fatores extralinguísticos: o político, o social e o econômico. Na teoria pecheutiana, A e B são lugares e posições imaginárias que os sujeitos ocupam no processo discursivo e na estrutura de uma formação social, a partir dos quais se imagina o que se diz, como se diz e o que o outro dirá, conforme o funcionamento do discurso autoriza. As formações imaginárias designam o lugar que os sujeitos se atribuem mutuamente e a imagem que fazem do próprio lugar e do lugar do outro, sendo mecanismos produtores de imagens. Como estão relacionadas ao interdiscurso, tornam as antecipações possíveis, pois toda percepção “é sempre atravessada pelo “já ouvido” e o “já dito”, através dos quais se constitui a substância das formações imaginárias enunciadas” (PÊCHEUX, 1990, p. 82-3). Uma vez que esses lugares A e B são representações imaginárias de lugares de sujeito, e sobredeterminados historicamente, Esteves (2014) observa que os sujeitos não os dominam ao ocupá-los para falar, o que permite, por exemplo, que um negro seja racista contra negros e que uma mulher advogue pelo machismo. Para o pesquisador, “os papéis que os sujeitos imaginam desempenhar — ou que imaginam querer desempenhar — na formação social são encenados materialmente no discurso através das formações imaginárias”. (p. 32)

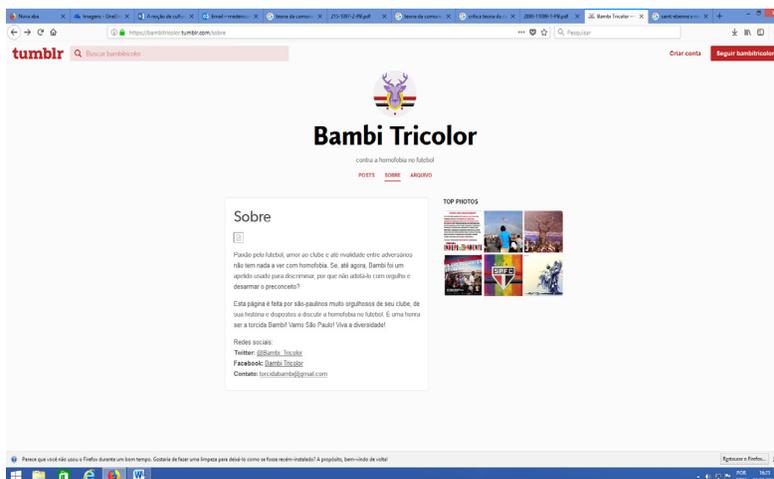


Figura 2. Sobre do blog Bambi Tricolor.⁶

Para Jakobson, é preciso ainda um *código* comum a remetente e destinatário, ou ainda, codificador e decodificador; e um *contato*, um canal físico e conexão psicológica entre remetente e destinatário. A Análise do Discurso materialista não entende os sujeitos do discurso como apenas codificadores e decodificadores de uma mensagem, uma vez que eles estão submetidos às condições de produção de uma dada época e de um dado contexto imediato, produzindo efeitos de sentido *na* e *pela* situação de interação.

⁶ Disponível em: <bambitricolor.tumblr.com/sobre> acesso em 28 set 2018.

No *blog*, embora não se assinem as postagens, o(s) autor(es) se designam um lugar no discurso ao expressar(em), na primeira publicação, seu desejo de aliar-se às torcidas pelo país que estão “saindo do armário” e “se posicionando contra as diversas manifestações preconceituosas no futebol” (BAMBITRIBLOR, 2013, s./n.); e na seção *Sobre*, falando em nome de um *nós*, “são-paulinos muito orgulhosos de seu clube, de sua história e dispostos a discutir a homofobia no futebol”. (*ibidem*, s./n.) Percebe-se também, nesses trechos, uma imagem que o movimento Bambi Tricolor faz do futebol, como um lugar de diversas manifestações preconceituosas, justificando a existência do movimento.

Nesse contexto, é simbólica a escolha do nome *Bambi Tricolor* para o movimento. A utilização de *bambi* como adjetivo pejorativo para se referir à torcida do São Paulo FC remonta à década de 90, quando o ex-jogador Vampeta, multicampeão pelo Corinthians, inventou o apelido como forma de provocar o rival⁷. O apelido ganhou força midiática e ainda é utilizado como uma ofensa à torcida são paulina, por meio da associação do clube à homossexualidade, e da homossexualidade a sentido(s) negativo(s) e discriminatórios.

É interessante observar como o sentido pejorativo do termo *bambi*, utilizado para ofender a torcida do São Paulo, é invertido ao ser apropriado pelos sujeitos do movimento, que colocam uma questão: “Se, até agora, Bambi foi um apelido usado para discriminar, por que não adotá-lo com orgulho e desarmar o preconceito?” (*ibidem*, 2013, s./n.). Esse novo sentido para *bambi* é possível por se inscrever em uma formação discursiva outra, que atualiza a memória discursiva do termo, constituída pela prática homofóbica naturalizada no futebol. Para Orlandi (2010), as formações discursivas definem aquilo que pode e deve ser dito por um sujeito, de uma dada posição, em uma dada conjuntura sócio-histórica, permitindo que se compreenda o processo de produção de sentidos e sua relação com a ideologia. Para a autora (p. 42-3),

[...] Podemos dizer que o sentido não existe em si mas é determinado pelas posições ideológicas colocadas em jogo no processo sócio-histórico em que as palavras são produzidas. As palavras mudam de sentido segundo as posições daqueles que as empregam. Elas “tiram” seu sentido dessas posições, isto é, em relação às formações ideológicas nas quais essas posições se inscrevem.

Assim, a inversão do insulto em *bambi* está inscrita em uma formação discursiva diferente da que predomina em contextos em que o termo é empregado para ofender e diminuir a torcida são-paulina. Tyara Chaves (2015), em sua dissertação de mestrado, recupera o processo pelo qual passou a palavra *queer*, que a partir do século XIX passou a ser utilizado como xingamento direcionado a homossexuais ou quaisquer indivíduos que tivessem comportamento sexual considerado *desviante*. Esse cenário se alterou em meados

⁷ Vampeta explica por que criou o apelido de “Bambi” para o São Paulo. R7 Esportes. 25 de junho de 2011. Disponível em: <<http://esportes.r7.com/futebol/noticias/vampeta-explica-por-que-criou-o-apelido-de-bambi-para-o-sao-paulo-20110625.html>> Acesso em 27 mai 2018.

da década de 80, quando grupos LGBTs passaram a utilizar o termo, resignificando-o positivamente e invertendo o insulto.

Considerando a historicidade do discurso, que não só precede como condiciona seus usos contemporâneos, Butler (2002, p. 59), uma das pioneiras da Teoria queer, sinaliza que “los términos que no obstante reivindicamos, y a través de los cuales insistimos en politizar la identidad y el deseo, a menudo requieren una inversión respecto a esa historicidad constitutiva.” Os sentidos pejorativos de *queer* foram socialmente construídos, em estreita conexão com uma sociedade LGBTfóbica, de modo que não são usos individuais ou isolados, pelo contrário, são usos que produzem eco e que estão inscritos em uma cadeia de violências que se perpetuam discursivamente e de outras formas. Sobre a historicidade do termo *queer*, Butler (2002, p.58) afirma que

queer adquiere todo su poder precisamente a través de la invocación reiterada que lo relaciona con acusaciones, patologías e insultos. Se trata de una invocación a través de la cual se ha ido estableciendo un vínculo entre comunidades homofóbicas. Esta interpelación se hace eco de otras interpelaciones pasadas y une a todos los hablantes como si éstos hablaran al unísono a través del tiempo. Se trata de un coro imaginario que increpa “marica!”.

Em *bambi*, como em *queer*, acontece no contexto do blog analisado uma desestabilização e resignificação do sentido do termo, de modo que *bambi* já não é utilizado para diminuir ou ofender, mas para reiterar e celebrar a diversidade sexual. Uma inversão do insulto que também se observa na apropriação do termo “vadia” pelo movimento Marcha das Vadias, como analisado na pesquisa de Chaves (2015). O termo *vadia* percorre redes de memória, constituída sócio-historicamente, que o aproximam de sentidos pejorativos como vagabunda, puta e promíscua. A prática de resistência atualiza essa memória discursiva e inverte o insulto, aproximando discursivamente *vadia* de *feminista* e *revolucionária* (p. 35). Tanto em *vadia* como em *bambi*, fica evidente uma disputa ideológica que se manifesta pelos usos e sentidos de determinados termos/ expressões por diferentes grupos, uma disputa ideológica que se manifesta no terreno discursivo.

Segundo Morato (2005, p. 100), “no ambiente machista do futebol, a melhor maneira de agredir os adversários pelos palavrões é duvidando de sua masculinidade [...]” O sentido pejorativo de *bambi* atua nesse sentido, negando ao torcedor são-paulino do gênero masculino o seu status como *homem*. O termo carrega um corpo sócio-histórico que remete, inicialmente, à animação da Disney de 1942, cujo personagem principal é um cervo que vive sozinho na floresta após a morte da mãe, e faz amizade com outros animais. O fato de ser um veado, bem como possivelmente a semelhança fonética entre as palavras, possibilitou o deslize de sentido do termo para *viado*, outro insulto utilizado frequentemente para se referir a homens homossexuais.

Além da semelhança fonética entre as palavras veado/viado, é também importante observar que os clubes de futebol paulistanos mais tradicionais, com exceção do São Paulo, utilizam um animal como mascote. O mascote do Palmeiras é o porco e o do Corinthians é o gavião. Esses mascotes não são representados de qualquer forma, uma vez que estão associados à imagem de um clube futebolístico e, no futebol, as vitórias são frequentemente associadas a características atribuídas tradicionalmente ao universo masculino, como valentia, força, planificação racional estratégica e resistência moral (ARCHETTI, 2003, p. 226 apud BANDEIRA, 2009).



Figura 3. Porco, mascote do S.E. Palmeiras⁸



Figura 4. Gavião, mascote do S.C. Corinthians⁹

Na representação de ambos os mascotes, são comuns manifestações de força física ou violência, atributos como músculos, expressão fechada e postura de combate/ataque,

⁸. Disponível em: <<http://www.palmeiras.com.br/clube/mascotes>> acesso em 08 ago 2018

⁹. Disponível em: <<http://fielsccp.blogspot.com/2012/02/muay-thai-nos-gavioes.html>> cesso em 08 ago 2018.

como se fossem predadores. São características prestigiadas no futebol, em que a mídia e torcedores colocam os jogadores no mesmo nível que guerreiros e, mais além, são sintomas de que o futebol legitima uma determinada forma de ser e agir como homem que está relacionada à virilidade e ao poder. Ao mesmo tempo em que se determina o que é ser homem, determina-se também o que não é ser homem. Se tanto o porco quanto o gavião — mascotes do Palmeiras e do Corinthians, respectivamente — são representados como predadores, é importante pensar em como essa representação se contrastaria com a de um cervo, que não é um predador de outros animais, pois é um animal herbívoro. Na cadeia alimentar, o cervo é o alimento de outros predadores que, estes sim, são os consumidores primários, que se alimentam dos outros animais. Assim, quando Vampeta utilizou o termo *bambi* para insultar os são-paulinos e a cada vez que isso se repete, o termo percorre redes de memórias que associam veado com *viado*, tomando o animal como frágil e passivo, em oposição às características tradicionalmente atribuídas ao masculino. Por fim, essa representação pejorativa do animal incide sobre o estereótipo do homem homossexual, cuja masculinidade é negada pelos processos discursivos que sustentam a masculinidade hegemônica.

A homossexualidade é um fantasma para a masculinidade hegemônica, que vive ameaçada por ela e precisa o tempo todo se reafirmar, o que acontece muitas vezes pela violência. Segundo Louro (2000, s./n.), para essa masculinidade hegemônica,

parece necessário exorcizar, de algum modo, qualquer sugestão ou indício de atração por alguém do mesmo sexo. A suspeita desse desejo entre meninos e homens é especialmente assustadora. A masculinidade hegemônica constrói-se não apenas em contraposição à feminilidade, mas também em oposição a outras formas de masculinidade. Tomar-se masculino pode implicar na combinação de uma heterossexualidade compulsória associada à homofobia e à misoginia. Os corpos dos garotos devem proclamar sua rejeição a qualquer traço de homossexualidade. Seus corpos também não podem sugerir nada de feminino.

Esse modelo hegemônico de masculinidade exalta aqueles que seriam os *homens de verdade*, heterossexuais, viris e violentos, ao passo que desprestigia outras performances de masculinidade e até as rejeita, como nos casos de sujeitos homossexuais. O futebol não é um caso à parte e não é apolítico, pois estando inserido em uma cultura misógina e homofóbica, inevitavelmente reproduz as contradições existentes no seio da sociedade e legitima os mesmos grupos hegemônicos que já detêm o poder. Bandeira (2009) observa que esse modelo hegemônico de masculinidade é um modelo viril, de certa legitimidade em nossa cultura. O autor também verifica como os insultos proferidos nos estádios são, quase sempre, dirigidos a homossexuais, negros ou mulheres, em suas palavras, “os ‘alvos’ desses xingamentos são, historicamente, alvos de desprezo frequentes nas construções de masculinidades hegemônicas”. É nesse contexto que *bambi* é utilizado

como insulto direcionado contra a torcida do São Paulo, ao mesmo tempo em que perpetua preconceitos de gênero e de orientação sexual.

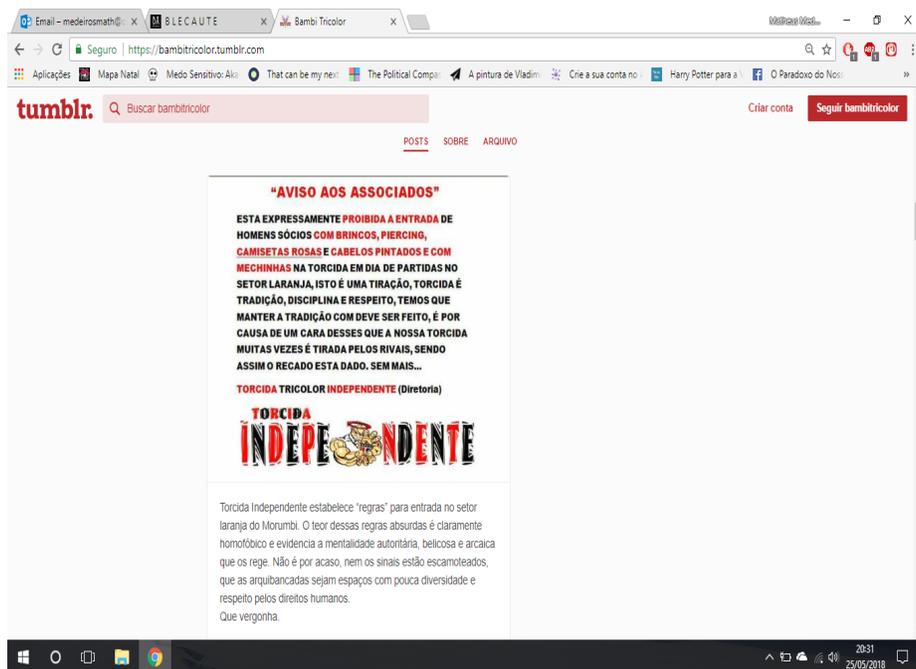


Figura 5¹⁰

A postagem retratada na Figura 5 foi publicada pelo *blog* Bambi Tricolor, que denunciava a existência de regras prescritas pela Torcida Independente — considerada a maior torcida organizada do São Paulo FC — para entrada no setor laranja do Morumbi. Pesquisamos no site da Torcida Independente pela postagem original, mas não obtivemos resultados, do que se pode depreender que a postagem da Independente direcionada aos associados já foi excluída. O Bambi Tricolor compartilhou a postagem reprovando e classificando como *absurdo* o conteúdo do aviso.

Na imagem, os dizeres em vermelho destacam, além da assinatura, proibições. Essas proibições incidem sobre o corpo: o traje, acessórios e o cabelo dos homens. Em Vigiar e Punir (1987), Foucault reflete sobre o corpo como um campo político, diretamente afetado pelas relações de poder e dominação, e preso a sistemas de sujeição que visam torná-lo ao mesmo tempo *corpo produtivo* e *corpo dócil*. Para Foucault (1987, p. 163), em qualquer sociedade, “o corpo está preso no interior de poderes muito apertados, que

¹⁰. Disponível em: <bambitricolor.tumblr.com> acesso em 26 mai 2018.

lhe impõem limitações, proibições ou obrigações”. Os dispositivos disciplinares fazem recair sobre o corpo uma política de coerções que manipulam e o tornam obediente em seus gestos, elementos e comportamentos.

O corpo humano entra numa maquinaria de poder que o esquadriinha, o desarticula e o recompõe. Uma “anatomia política”, que é também igualmente uma “mecânica do poder”, está nascendo; ela define como se pode ter domínio sobre o corpo dos outros, não simplesmente para que façam o que se quer, mas para que operem como se quer, com as técnicas, segundo a rapidez e a eficácia que se determina. A disciplina fabrica assim corpos submissos e exercitados, corpos “dóceis”. (idem, p. 165)

Dessa forma, fabrica-se um discurso sobre os corpos e que, nesse caso, são ainda um discurso sobre corpos masculinos. A Torcida Independente proíbe a entrada de associados que não estejam vestidos conforme um imaginário de tradição, disciplina e respeito. Esses três substantivos funcionam como argumento para legitimar a proibição pela Torcida Independente, que se coloca na posição de mantenedora de uma ordem, reforçando sua posição na medida em que articula saber e poder.

Na assinatura da Torcida Independente, está presente o mascote do clube, o Santo Paulo, uma representação do santo que dá nome ao clube. Segundo o site oficial do São Paulo¹¹, optou-se por chamá-lo Santo Paulo para que não houvesse confusão entre o nome do santo e o nome do clube, e a história do mascote remonta à década de 30 e 40, quando se popularizou através de cartuns publicados no jornal *A Gazeta*.

O site ressalta ainda que não há um desenho oficial do clube, de modo que o Santo Paulo já foi representado de diversas formas, sendo, a mais comum, como um velhinho de barbas.

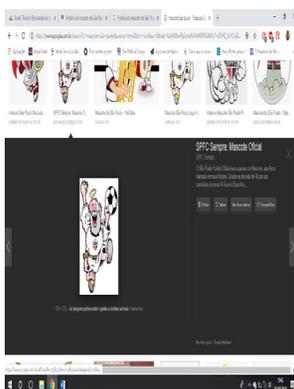


Figura 6. Santo Paulo representado por um fã-clube do São Paulo¹²

¹¹. Disponível em: <www.saopaulofc.net/spfcpedia/simbolos/> acesso em 30 set 2018.

¹². Disponível em: <<https://seeklogo.com/images/M/mascote-sao-paulo-logo-87FD2BEB6C-seeklogo.com.png>> acesso em 30 set 2018.

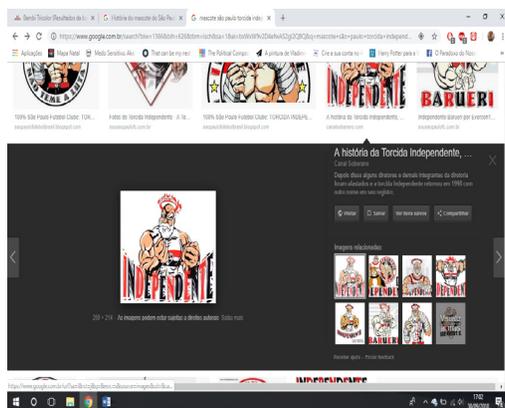


Figura 7. Santo Paulo representado pela Torcida Independente¹³

A representação do mascote do São Paulo pela torcida Independente contrasta com as representações mais comuns do velhinho de barbas que aparecem na mídia, sendo que a Independente o retrata como musculoso, em pose de luta e com a expressão fechada, como já se pode observar na publicação-denúncia no *blog*. Essa representação do Santo Paulo está em oposição aos interditos destacados em vermelho na postagem. Homens com brincos, *piercing*, camisetas rosas, com cabelos pintados e com *mechinhas* são considerados como *tiração* para a torcida organizada, em contraposição à virilidade e macheza na construção do Santo Paulo.

Homens com brincos, *piercing* e camiseta rosa contrastam também com a frase “torcida é tradição, disciplina e respeito”. Tradição, disciplina e respeito são três substantivos distintos utilizado para designar a própria torcida organizada, de modo a instalar um imaginário de homogeneidade e normalidade entre seus associados, dentro do qual são indesejáveis as características interdidadas. Esses interditos recaem sobre o sujeito masculino médio que frequenta o setor laranja do estádio, e dessa forma, o locutor se posiciona com relação ao que espera de um associado, bem como o que não se espera.

Em “isto é uma tiração, torcida é tradição”, observa-se uma relação de oposição entre *tiração* e tradição, em que *tiração* é uma nominalização a partir do verbo *tirar* com sentido de caçoar, humilhar. O efeito da nominalização é o apagamento do sujeito (SÉRIOT, 1985 apud PIRES, 2013) da ação incutida no dizer, bem como do objeto, do tempo e do aspecto. Assim, não se tem informações como *quem* tirou, *quando* tirou ou *o que* tirou.

¹³. Disponível em: <<http://www.canalsoberano.com/wp-content/uploads/2016/06/inde-retomada.jpg>> acesso em 30 set 2018.

1. Os rivais *tiram* a nossa torcida [voz ativa]
2. A nossa torcida é *tirada* pelos rivais [voz passiva]

Em processo análogo, em “a nossa torcida é tirada pelos rivais” a voz passiva desloca o foco da ação dos rivais, que constituem o sujeito da ação de *tirar* a torcida, tornando como foco o fato da torcida ser *alvo de tal ação* pelos rivais. Isso acontece devido ao participípio do verbo *tirar*, que remete à condição da torcida, e não a uma ação realizada pelos rivais. A responsabilidade pela *tiração* não é atribuída a eles, mas aos homens com brincos, piercing, camisetas rosas e cabelos pintados e com mechinhas, como ilustra o uso da locução “por causa de” na postagem. Esses sujeitos interditados, no discurso, são alinhados aos rivais, pois a presença deles entre os associados justifica a *tiração* pelas demais torcidas.

No enunciado “é por causa de um cara desses que a nossa torcida muitas vezes é tirada pelos rivais”, um pronome demonstrativo como *desses* não cumpre outra função senão afastar aquele de quem se fala do locutor, um afastamento provocado pelo próprio funcionamento dêitico do pronome. Existe também uma oposição no enunciado entre “um cara desses” e “nossa torcida”, de modo que esses sujeitos fora da norma já são, no próprio enunciado, colocados para fora da torcida, e conseqüentemente para fora dos estádios.

Esses elementos têm efeitos discursivos sobre a construção da alteridade, na medida em que afasta os homens sócios tradicionais da Torcida Independente de outros considerados não-tradicionais.

Construção da alteridade pela Torcida Independente	
Homens sócios da Torcida Independente	Homens sócios da Torcida Independente <i>proibidos</i> de entrar
[Nossa torcida é] tradição	Tiração
[Nossa torcida é] disciplina	Homens com brincos
[Nossa torcida é] respeito	[Homens com] camiseta rosa
--	[Homens com] piercing
--	[Homens com] cabelos pintados e com mechinhas
Nossa torcida	Um cara desses

Tabela 1. Construção da alteridade pela Torcida Independente

Em uma leitura aliada às condições de produção, a mensagem da Torcida Independente é sexistas e homofóbica. Usar brinco, piercing, camiseta rosa e pintar o cabelo são características que percorrem redes de memória que as associam ao não-

masculino. Para Orlandi (2010, p. 35), no esquecimento número dois, da ordem da enunciação, “ao falarmos, o fazemos de uma maneira e não de outra, e ao longo de nosso dizer, formam-se famílias parafrásticas que indicam que o dizer sempre podia ser outro”. A autora ressalta que há noções que se definem, inclusive, pelo não-dizer, a exemplo de *com coragem*, que se significa pela oposição com *sem medo*. Em uma concepção binária de gênero, *masculino* é construído em oposição a *feminino*, e vice-versa. Pintar o cabelo, usar brinco ou camiseta rosa não são associados a uma ideia tradicional de masculino, ocorrendo um deslizamento entre sentidos homofóbicos — homem não-masculino, homem feminino, homem homossexual —.

Fica expressa uma postura discriminatória da Torcida Independente. Essa postura pode ser entendida ao se analisar algumas marcas linguísticas, como o diminutivo utilizado em *mechinha*. O uso do diminutivo, na situação enunciativa do comunicado, exprime uma valoração do enunciador, que é de desprezo. O ponto de vista expresso pelo enunciador é de que *cabelos pintados e com mechinhas*, assim como todos os outros elementos listados, são uma tiração, justificativa para zombaria pelos rivais e uso do diminutivo (eles não têm *mechas*, eles têm *mechinhas*).



Figura 8¹⁴

¹⁴. Disponível em: <bambitricolor.tumblr.com> acesso em 26 mai 2018

A postagem da Figura 8 também foi republicada sob repúdio pelo blog no dia 10 de março de 2015, dois dias após o Dia Internacional da Mulher. Publicada originalmente pelo repórter Felipe Andreoli, é direcionada como uma provocação aos torcedores são-paulinos, o que é compreendido porque a postagem se filia a uma memória discursiva que insulta e zomba dos torcedores do clube ao se referir a eles como *bambis*. O insulto se formula pela negação da masculinidade dos jogadores do São Paulo, evidenciada pela imagem da então equipe do clube, abaixo da frase *Feliz dia das mulheres!*. A cor rosa, que nos discursos formulados pelo senso comum é significada como uma cor que não é de homem, preenche o plano de fundo dos dizeres, reiterando a provocação aos torcedores.

É interessante pensar também nos efeitos discursivos da *hashtag* #8deMarço. Pereira (2018), em estudo sobre o uso da *hashtag* #SomosTodos nas redes sociais, afirma que o surgimento da ferramenta *hashtag* remonta ao *Twitter*, sendo hoje utilizada em outras redes sociais, atendendo a uma necessidade dos usuários de criarem grupos entre si. Assim, quando se une o símbolo # (*has*) a uma palavra-etiqueta (*tag*), ela se torna clicável, reunindo conteúdos em torno de um mesmo assunto. Uma das características da *hashtag*, para Pereira (idem), é o fato de ser aberta e estar sempre em construção, formando um arquivo na ideia de dispersão. Para Pereira (2018, p. 29), “a dispersão na *hashtag* é percebida por sua característica de concentrar formações discursivas diferentes em torno de uma mesma *tag* e ao fato de estar sempre aberta e circulando, o que inviabiliza a leitura em uma ordem tradicionalmente cronológica.”

Na Figura 8, porém, a *hashtag* é incorporada à imagem, não sendo clicável e perdendo seu caráter de interatividade, como também acontece com seu uso em e-mails, muros e contextos externos ao digital. Isso evidencia um funcionamento outro da *hashtag* na postagem. Paveau (apud PEREIRA, 2018) elabora a noção de “batalha de *hashtags*”, justificando que é possível que se crie uma contra-*hashtag*, fazendo oposição a outra. Pereira retoma as *hashtags* #ficaquerida e #voltaquerida, que respondem a *hashtag* #tchauquerida, à época do golpe parlamentar de 2016, que depôs a presidente Dilma Rousseff. A *hashtag* #8deMarço, ao ser utilizada de maneira irônica para se parabenizar a equipe do São Paulo e negar a masculinidade dos jogadores, inscreve-se em uma formação discursiva oposta à que se inscreve a *hashtag* #8M, que mobiliza mulheres no mundo todo em favor da igualdade de gênero e na luta por direitos. O dia Internacional da Mulher é significado pela *hashtag* #8M como uma data de mobilização, reivindicação e afirmação da luta das mulheres, enquanto a *hashtag* #8deMarço na postagem ironiza a data a fim utilizá-la para provocar são-paulinos. A frase *Feliz dia das mulheres!* também demarca uma forma de significar a data relacionado à festividade e à comemoração, expressado ainda pelo sinal de exclamação, e na via contrária aos sentidos de mobilização e de luta.

Essa provocação no sentido de negação da masculinidade de um homem pode ser compreendida ao se analisar as construções socioculturais ligadas ao homem e os mecanismos discursivos pelos quais a masculinidade hegemônica se sustenta, que também dizem respeito à construção das feminilidades. Na medida em que masculinidades e feminilidades são construídas como categorias rígidas e dicotômicas, opostas uma à outra, falar sobre o que é masculino também é falar sobre o que não é masculino, o que incide sobre a feminilidade. Knijnik e Falcão-Defino (2010) observam que um polo é construído como oposto ao outro, e nessa concepção binária, ser homem é renunciar a qualquer atributo do universo feminino. Segundo Connel e Messerschmidt (2013), “o gênero é sempre relacional, e os padrões de masculinidade são socialmente definidos em oposição a algum modelo (quer real ou imaginário) da feminilidade”.

Almeida (1995) enfatiza que esse padrão de masculinidade nunca pode ser alcançado, e justamente daí vem seu efeito controlador. A masculinidade hegemônica é misógina, pois exclui, subjuga e despreza o que se constituiu arbitrariamente como feminino. O homem *macho* é viril, violento, corajoso, ousado e não chora, mas essencialmente, tem sua construção simbólica assentada em um aspecto especificamente sexual. De acordo com Almeida (1995, p. 68),

a masculinidade é frágil, em termos sexuais nada se pode mostrar de concreto (de visível, de mais observável que o discurso verbal), pelo que tanto o medo como a forma de agressão mais comum se fazem na linguagem da homossexualidade, enquanto categoria passiva, simbolizada na imagem da penetração anal, feminizando assim o homem. Este recurso retórico é usado em todas as relações competitivas e conflituosas entre homens, seja no trabalho, nos negócios ou no jogo. [...] Nunca é demais referir que uma das características centrais da masculinidade hegemônica, para além da “inferioridade” das mulheres, é a homofobia.

Retomando a postagem veiculada sob protestos pelo *blog* Bambi Tricolor, a provocação funciona e ofende torcedores são-paulinos, e ainda está em estreita conexão com o futebol, onde circulam predominantemente discursos que recusam atributos culturalmente associados à feminilidade (BANDEIRA, 2009) e que exaltam a masculinidade hegemônica. Além disso, o futebol, como um esporte competitivo e potencialmente conflituoso, pode ser analisado, dentro da perspectiva de Almeida, como um desses espaços em que homens se agridem por meio da feminização uns dos outros, sejam eles jogadores ou torcedores. Na postagem, a categoria *mulheres*, para ser lida como insulto, percorre mais uma cadeia de associações homofóbicas — bambi, veado/viado, homem não-masculino, homem feminino, homem homossexual, sexualmente passivo, mulheres.

2. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste artigo, objetivamos analisar discursivamente alguns aspectos do blog Bambi Tricolor, criado em 2013 como um movimento de resistência contra o fascismo, o racismo, a misoginia e a LGBTfobia. Analisamos aspectos como o cabeçalho e a seção Sobre, além de termos analisado duas postagens do blog sob a luz da teoria da Análise do Discurso. Em um primeiro momento, nos detivemos no nome que designa a comunidade, pois o movimento de torcedores e torcedoras são-paulinos que se autodenomina *bambi* se utiliza de uma inversão do insulto, em que se inverte o valor negativo e se ressignifica o nome *bambi* para se destacar o orgulho de identificar-se como LGBT. Esse mesmo processo acontece com os nomes *queer* e *vadia*, que são atualizados na formação discursiva feminista e LGBT. Essas disputas de sentido em torno dos nomes *queer*, *vadia* e *bambi* são simbólicas da luta ideológica que se acontece na e pela linguagem.

Observamos que o meio futebolístico valoriza uma forma tradicional de ser masculino, marcada pela “macheza”, pela virilidade e pela brutalidade, em oposição e rejeição a tudo que possa ser considerado feminino. Dessa forma, legitima-se no discurso formas de tabus e interditos, que visam a manutenção de uma ordem. O corpo é um desses lugares sobre os quais a interdição incide, como analisamos na primeira postagem selecionada (Figura 5), em que a Torcida Independente proíbe os sócios de entrarem com *piercing*, camiseta rosa ou cabelos pintados. Sob a justificativa de que devido a sujeitos com tais características que a torcida são-paulina é motivo de zombaria pelas torcidas adversárias, a Torcida Independente proíbe que esses sujeitos entrem nos estádios. Essas características supracitadas são tradicionalmente atribuídas ao lugar do não-masculino, percorrendo redes de memórias que associam tal lugar ao do sujeito homem LGBT. A maior torcida organizada do São Paulo encontra, assim, uma forma de distanciar sujeitos LGBTs dos estádios.

Analisamos também os mascotes dos principais clubes paulistanos. Esses mascotes configuram uma representação do clube e reproduzem valores privilegiados no meio futebolístico, de modo que observamos como traços da masculinidade hegemônica aparecem nessas representações. Na medida em que há um espaço para o hegemônico, valorado positivamente no discurso, outras vivências de masculinidade são colocadas à margem, o que incide sobre a subjetividade dos sujeitos.

Por fim, ressaltamos a importância de jogar luz sobre movimentos de resistência de sujeitos e agrupamentos sociais que, ao lutarem pela legitimidade, combatem os discursos de exclusão e preconceito que incitam o ódio contra minorias sociais historicamente oprimidas. No caso do blog analisado neste artigo, incorpora(m)-se a(s) masculinidade(s), no plural, movem-se as fronteiras de gênero, rompe-se com uma narrativa historicamente determinada e funda-se no interior das contradições sociais um espaço de emancipação.

Este trabalho não esgota todas as possibilidades de análise do *blog* Bambi Tricolor, sendo este apenas um dos caminhos pelas quais ela poderia ter sido feita, sob a óptica da luta contra o racismo, a LGBTfobia e a misoginia no futebol.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, M. V. (1995). *Senhores de si: uma interpretação antropológica da masculinidade*. Fim de século: Lisboa.
- BANDEIRA, G. A. (2009). *Eu canto, bebo e brigo... alegria do meu coração: currículo de masculinidades nos estádios de futebol*. Dissertação (Mestrado em Educação) — Universidade Federal do Rio Grande do Sul, UFRGS, Brasil.
- BOCCHI, A. F. A. (2017). O funcionamento discursivo de testemunhos de violência o parto: movimentos de sentido entre o jurídico e o equívoco. In: *Mulheres em discurso: gênero, linguagem e ideologia*. (Orgs.) Mônica G. Zoppi Fontana e Ana Josefina Ferrari. Vol. 1. Pontes Editores: Campinas, SP.
- BUTLER, J. Críticamente subversiva. (2002). In: JIMÉNEZ, R. M. *Sexualidades transgressoras: uma antologia de estudos queer*. Icaria: Barcelona.
- CHAVES, T. (2015). *Da marcha das vadias às vadias da marcha: Discursos sobre as mulheres e o espaço*. Dissertação (Mestrado em Linguística) — Universidade Estadual de Campinas, Unicamp, Brasil.
- CONNELL, R. W.; MESSERSCHMIDT, J. W. (2013). Masculinidade hegemônica: repensando o conceito. Tradução de Felipe Bruno Martins Fernandes. In: *Rev. Estud. Fem.*, Florianópolis, v. 21, n. 1, p. 241-282.
- DIAS, C. P. (2015). Análise do discurso digital: sobre o arquivo e a constituição do corpus. In: *Estudos Linguísticos*, v. 44, p. 972-980.
- DIAS, C. P. (2016a). A Análise do Discurso Digital: um campo de questões. In: *Caderno de Estudos do Discurso e do Corpo*, v. 10, p. 8-20,
- DIAS, C. P. (2016b). A materialidade digital da mobilidade urbana: espaço, tecnologia e discurso. In: *Língua e Instrumentos Linguísticos*, v. 1, p. 157-175.
- ESTEVES, P. M. S. (2014). *O que se pode e se deve comer: uma leitura discursiva sobre sujeito e alimentação nas enciclopédias brasileiras (1863-1973)*. Tese (Doutorado em Estudos da Linguagem) — Universidade Federal Fluminense, UFF, Brasil.
- FOUCAULT, M. (1987). *Vigiar e punir: nascimento da prisão*. Tradução de Raquel Ramallete. Vozes: Petrópolis, RJ.
- ORLANDI, E. P. (2010). *Análise de discurso: princípios e procedimentos*. 9ª ed. Pontes: Campinas, SP.
- PÊCHEUX, Michel. (1990). Por uma análise automática do discurso. In: GADET, F.; HAK, T. (Org.) *Por uma análise automática do discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux*. 4ª ed. Unicamp: Campinas.
- PEREIRA, D. D. S. (2018). *Funcionamento discursivo das hashtags: um olhar para #SomosTodos*. Dissertação (Mestrado em Linguística) — Universidade Estadual de Campinas, Unicamp, Brasil.

- PIRES, L. M. F. (2013). *O funcionamento do discurso político: o twitter na Campanha presidencial de 2010*. Dissertação (Mestrado em Linguística) — Universidade Federal de São Carlos, UFSCar, Brasil.
- REIS, H. H. B. (2006). *Futebol e violência*. Armazém do Ipê (Autores Associados): Campinas, SP.
- ZOPPI-FONTANA, M. G. (2005). Arquivo jurídico e exterioridade. A construção do corpus discursivo e sua descrição/interpretação. In: GUIMARÃES, E.; BRUM DE PAULA, M. R. (Org.). *Sentido e memória*. 1a ed. Pontes: Campinas, SP, p. 93-116.